

**RETRATOS A BICO DE PENNA**

**COMEDIA-DRAMA EM DOUS ACTOS**

ORIGINAL DE

**PIRES DE ALMEIDA**

ESTUDANTE DE MEDICINA

---

**RIO DE JANEIRO**

**TYPOGRAPHIA AMERICANA — RUA DOS CURIVES, 19**

**1869**

Visto. Rio, 19 de Junho de 1865.

ANDRÁDE PINTO

Na ausencia absoluta de leis escriptas, que protejão a propriedade litteraria, colloco o meu trabalho debaixo da guarda da lei natural, que manda que não desfructemos aquillo que não nos pertence.

COLLECCÃO BENEDICTO OTTONI  
ORGANISADA PELO DR. J. C. RODRIGUES  
Doação do Dr. Julio B. Ottoni

AO

DR. JOÃO CARLOS DE OLIVA MAIA

EM

HOMENAGEM AO SEU BRILHANTE TALENTO

E

COMO SINGELO PENHOR

DE ESTIMA E CONSIDERAÇÃO,

OFFERECE

*© autor.*

## PERSONAGENS.

CECILIA DO AMARAL.  
CARLOTA.  
HERMELINDA DA SILVEIRA.  
D. CANDIDA DE VASCONCELLOS.  
PEDRO NOLASCO.  
LUIZ DO AMARAL.  
FAUSTO DE ABREU.  
ADOLPHO SOARES.  
DR. ALBERTO DE MORAES.  
BARÃO DE FAQUETÁ.  
ANASTACIO DA SILVEIRA.  
ANDRÉ DA FONSECA.  
JESUINO ALVES.  
ALCIBIADES DE CASTRO.  
GENOVEVA, ESCRAVA.

### Actualidade.

Na distribuição das partes d'esta comedia, hei consagrado o papel de Carlota á actriz Ismenia; o de Pedro Nolasco ao Sr. Areas; o de Fausto ao Sr. Vasques; e finalmente o de Adolpho para ser realçado pelos recursos artisticos do Sr. Furtado Coelho.

## ACTO I

Uma ante-sala ricamente mobiliada e illuminada a gaz.—Consólos; espelhos grandes nos consólos; jarras com flôres, etc.—Porta principal; outra, que dá para a sala de visitas; outras, que vão ter ao interior da casa.—Varanda ao fundo.—Tapeçarias nas portas.

### Scena I

LUIZ E CECILIA

LUIZ, vindo da esquerda.

O que é que tu queres? é preciso mais alguma coisa? os doces vierão de casa do Carceller?

CECILIA

O moleque foi agora buscal-os.

LUIZ

Mandaste a Genoveva preparar o chocolate?

CECILIA

Mandei.

LUIZ

Então para que me encommodaste?

CECILIA

Para ver o meu vestido novo. Que tal me achas? gostas da cor de havana?

LUIZ, *com indiferença*

Gosto.

CECILIA

Assenta-me bem este penteado?

LUIZ

Perfeitamente. E para responder a semelhantes futilidades fizeste-me levantar da mesa do jogo!

CECILIA

Por certo! tua opinião lisongeia-me muito, porque és franco.

LUIZ

Digo-te sempre a verdade.

CECILIA

Então dize-me: tenho muito pó de arroz no rosto?

LUIZ

Muito: estás mascarada.

CECILIA *dando-lhe o lenço*

Toma: tira um bocadinho, com delicadeza.

LUIZ

Não posso ; esperão-me na sala do jogo.

CECILIA

Um minuto, — é cousa de um minuto.

LUIZ

Não posso ; não sejas imprudente.

CECILIA

Vás jogar ! sempre esse maldito vicio ! Luiz, tu não imaginas o mal que te tem feito o jogo ! por essa louca paixão tens esquecido aquelles que te são mais caros, e por ella acabarás sacrificando a tua saude, a nossa fortuna e felicidade.

LUIZ

Deixa-te de lamurias : guarda-as para mais tarde, agora não te posso ouvir.

CECILIA

Vem cá, Luiz ; descança um pouco, não te afadignes tanto.

LUIZ

Avia-te.

CECILIA

Senta-te aqui, bem junto de mim : mais um pouco : mais ; ahí.

LUIZ

Aqui estou.

CECILIA

Abotôa-me este collar.

LUIZ

Bem; espero que seja a ultima cousa. (*Abotôa-lhe o collar enquanto conversão*).

CECILIA

Sabes quem vem esta noite?

LUIZ

Não.

CECILIA

D. Candida, que juntou-se a nós: escolheu os sabbados para as suas reuniões.

LUIZ

Ficou a semana completa: partidas todas as noites. Estás como queres.

CECILIA

Ora, que bello!

LUIZ

Prompto,—abotôei-te o collar.



CECILIA

Espera. Agora esta pulseira, que já me cahio por duas vezes.

LUIZ

Acaba com isso,—olha que me esperão.

CECILIA

Abotôa, anda,— pareces um velho rabujento. Tu sabes de uma cousa? a Genoveva, a nossa alugada, esteve em casa de D. Candida: queres saber o que ella me dice? não, eu não te digo.

LUIZ, *abotôando a pulseira*

E'-me indifferente.

CECILIA

Se tu soubesses....

LUIZ

E. acreditaste n'uma creatura tagaréla e maldizente?

CECILIA

A Genoveva é uma bôa escrava: calada, humilde e activa. D. Candida é que é uma insolente: sabes o que ella dice de mim? que eu era uma presumida, — presumida, eul ella é que é uma enfatuada; uma vaidosa, que já me deu de balas de rosa para suspender-lhe

as carnes das faces; uma tóla, que não sabe dizer duas palavras a um moço. E paro aqui. Ouviste?

LUIZ

Ouvi, mas não percebi,—estava preoccupado.

CECILIA

Vae-te, vae-te,—estás insupportavel.

LUIZ

Mandá d'aqui a pouco o chocolate á sala do jogo.

CECILIA

Lá irá ter.

LUIZ

Não te descuides. (*Vai-se*).

## Scena II

CECILIA E GENOVEVA

CECILIA, *chamando*

Genoveva?

GENOVEVA

Sinhá?

CECILIA

Sinházinha não está ainda vestida?

GENOVEVA

Não, sinhá.

CECILIA

Vae dizer-lhe que ande depressa; as visitas não tardão.

GENOVEVA

Ella está se penteando. (*Vai-se*)

### Scena III

A MESMA, BARÃO DE PAQUETA' E FAUSTO

(*O Barão e Fausto atravessão a scena com direcção ao salão.*)

FAUSTO

Bõa noite, D. Cecilia. (*Aperta-lhe a mão.*)

CECILIA

Bõa noite.

BARÃO

Como está? sempre bella e pallida como o lyrio da campina.

FAUSTO

(*O Barão começa cedo a prestar-se ao ridiculo.*)

CECILIA

Não tenho andado boa. E o senhor, como tem passado ?

BARÃO

Com muitas saudades suas.

CECILIA

Mentiroso !

FAUSTO

Está hoje deslumbrante ! está capaz de dar crenças á um sceptico.

CECILIA

Lisongeiro !

BARÃO

(Bonito pensamento aquelle, — hei de aproveitá-lo).

FAUSTO

Sou o prototypo da sinceridade.

BARÃO

Sua irmã.... ?

CECILIA

Não sahio ainda do quarto.

FAUSTO

Nota que somos os primeiros, — não vejo ninguém nos

CECILIA

Ha alguns cavalheiros na sala do jogo. Consintão que eu não faça ceremonias com os senhores: tenho algumas ordens a dar, e deixo-os por momentos. Liberdade completa,—estamos em familia.

FAUSTO

Sem mais encommodo, D. Cecilia.

BARÃO

Pelo amor de Deus! a senhora o dice: estamos em familia.

CECILIA

Com licença. (*Sahe.*)

## Scena IV

BARÃO E FAUSTO

FAUSTO, *atirando-se no divan.*

Barão, qual é a sua fructa predilecta?

BARÃO, *com simplicidade.*

E' a banana: fresca e gostosa.

FAUSTO

E do jambo, gosta?

BARÃO

Não sou dos mais apreciadores: acho-o muito quente.

FAUSTO, sorrindo-se com malícia.

Pois, olhe, é a fructa da minha paixão.

BARÃO

Perdão, explique-se; o senhor dice isso assim com certa malícia....!

FAUSTO

Não me comprehendeu?

BARÃO

Não.

FAUSTO

Vou explicar-me.

BARÃO

Sou todo ouvidos: falle.

FAUSTO

Sabe-se que o dono da casa visita uma franceza da rua do Lavradio.

BARÃO

Presume-se.

FAUSTO

Sabe-se que a dona da casa aceita a côrte do Dr. Alberto de Moraes.

BARÃO

Presume-se.

FAUSTO

Sabe-se que o Adolpho Soares obteve a mão da cunhada da dona da casa, e que mui-breve entrã de bico no dote.

BARÃO

Presume-se.

EAUSTO

Sabe-se que D. Candida juntou-se as nossas reuniões para proporcionar algumas horas de distracção ao seu amavel yóyó, o Sr. Alcibiades de Castro, e fazer ciumes, o que duvido muito, ao Dr. Alberto de Moraes.

BARÃO

Presume-se.

FAUSTO

Sabe-se que os dous poetas, epico e dramatico, vêm aqui á pesca de alguma amizade, masculina ou feminina, que possam desfructar.

BARÃO

Presume-se.

FAUSTO

Sabe-se que o senhor tem vistas phosphoricas sobre D. Hermelinda, e que o pay consente nisso.

BARÃO

E' falso.... é falso.... (Safa, que lingua!)

FAUSTO

Porém o que não se sabe é que ...

BARÃO

Heim? pois tambem escolheu a sua....? Conquistador!

FAUSTO

Qual! nem por isso: faço o que posso.

BARÃO

Contou, mas afinal sempre cahio. Olhe, meu amigo, logo vi: o senhor não é mais forte do que eu. Então... quem é?

FAUSTO

Baixinho! não quero compromettimentos.

BARÃO, *com ar de mysterio.*

Vem á reunião?

FAUSTO

Não foi convidada, mas vem



BARÃO

Que imprudencia !

FAUSTO

Apparece sem escandalo,— não ha imprudencia.

BARÃO

E' rapariga de espavento ?

FAUSTO

Qual! Pobre e modesta : não traja sedas ; é o seu vestidinho de chita e chaile vermelho.

BARÃO

Quem é, homem ? quem é ? estou n'uma brasa.

FAUSTO, *olhando em seu redor.*

A alugada da casa : é fazenda de truz.

BARÃO

Ora! ora! ora! é dos taes que preferem a cozinha á sala da frente! (*Vai-se.*)

**Scena V**

**FAUSTO e depois Pedro Nolasco**

**FAUSTO**

(Gosto de ouvil-os : estes são os peiores. Mas como hei de eu vê-la? como poderei fallar-lhe? *Pausa* Vou pedir agoa para beber, —ella é quem deve necessariamente trazer-m'a.)

**P. NOLASCO, pasmado diante dos espelhos**

(Irra, que luxo! quanta cousa dourada! quanta luz! quantes espelhos! Isto espanta a quem vem da roça).

**FAUSTO**

O lá! quem será aquelle sujeito de paletot branco?!

**NOLASCO**

Ora viva.

**FAUSTO**

Viva.

**NOLASCO**

Deus lhe dê muito boas noites.

**FAUSTO**

As mesmas. Quem é o senhor?

NOLASCO

Quem sou eu ?

FAUSTO

Sim,—quem é o senhor ?

NOLASCO

Sou... sou eu mesmo. (Se elle suspeitasse que sou quem paga tudo isto.) Sou...

FAUSTO

O hortelão, talvez.

NOLASCO

Sim, senhor,— o hortelão.

FAUSTO

Que bom physionomista,—como conheci logo ! devo ser um Lavater.

NOLASCO

E' verdade. Agora diga-me V. S. quem é ?

FAUSTO

Eu sou o diabo. Chamo-me Fausto de Abreo e Silva : socio effectivo do club X.; assignante de uma *stalle*, no Alcazar; grande parceiro do *ecarté*, no Club : praticante do Thesouro.... demittido, e hoje empregado na secretaria da bôa vida.

NOLASCO

Fausto de Abreo e Silva..... Espere, eu conheci um negociante de café.... Ah! chamava-se Antonio Fausto de Abreo e Silva: um perdulario, que quebrou, arrastando na sua desgraça mais de vinte pais de familia probos.

FAUSTO

(E' a necrologia de meu pai.) Não era meu parente,— não era.

NOLASCO

Julguei. O desgraçado deixou um filho; rapaz habil, na verdade, mas inutil para o trabalho: é outro perdulario como o pai. Homem, elle não está presente,—sejamos francos: é um malandro. Sabe o que é ser malandro?

FAUSTO

(Se o sei. Saca, que lingua! como corta! E' peor do que a minha.)

NOLASCO

E' não ter amor ao trabalho: gastar o que não possui: crear dividas, que nunca poderá pagar; morar nos cabelereiros e alfaiates da rua do Ouvidor; namorar as mulheres dos outros; e desinquietar as filhas-familias.

FAUSTO

O' Demosthenes....!

NOLASCO

Bondade sua: um estúpido hortelão...!

FAUSTO

Ora, diga-me, aposto que é um dos que mais tem corrido para a ruína do patrão; heim?

NOLASCO

Pois o patrão está arruinado?

FAUSTO

Eu dice isso....?!

NOLASCO

Franqueza, toda a franqueza,— eu sou da mamata: tenho comido que tem sido um regalo.

FAUSTO

Confessa! Que consciencia!

NOLASCO

Franqueza. Vamos....

FAUSTO

Em confiança: eu sinto que seo patrão caminhe a passo largo para a desgraça, mas.... o que quer? a mulher gasta, gasta a mais não poder; o marido joga, e joga loucamente:— estão civados de dividas!

NOLASCO

E Joga?! jogos de salão, jogos de passatempo: a bisca, o burro....

FAUSTO

(E' parvo!) Não senhor: joga o lansquenet nas casas publicas, o voltarete, o ecarté, e tudo por um preço.... !!!

NOLASCO

E em que despende a mulher? tambem joga?

FAUSTO

(E' parvo, decididamente.) Joga,— joga certas.... de namôro.

NOLASCO

(Infamias!) Mas o patrão que continúa a gastar, é porque conta com alguma cousa.

FAUSTO

Homem, seo patrão fallou-me por vezes n'uma herança, que deve tocar-lhe.

NOLASCO

Por parte de quem?

FAUSTO

Por parte de um tio da mulher; um desgraçado matuto, que vive na roça colhendo café e plantando batatas; m

miseravel, que não despende comsigo um vintem, e que no entanto accumula e poupa para estes doidos gastarem em desperdícios.

NOLASCO

(Impudentes!) Esse tio por parte da mulher, segundo me informaram, existe; creio, porém, que não fez ainda tenção de morrer, e muito menos de deixal-os por herdeiros.

FAUSTO

E o que pretenderá elle fazer do dinheiro?

NOLASCO

Sinhásinha, a irmã da patrão, é sua afilhada, e está para casar: é a herdeira do tio. Casada, tanto a irmã como o cunhado ficão a chuchar no dedo: não hão de ver nem uma de X!

FAUSTO

Foi bom saber-se d'isso,—vou appresentar-me candidate por aquelle circulo. D'ahi talvez contem com a terça, mas essa,—homem, o matuto não está presente, sejamos francos: está dada a um creoulinho, que vive na fazenda, filho natural do tal sujeito.

NOLASCO

E' mentira! é mentira!

FAUSTO

Como sabe....?

## Scena VI

OS MESMOS, E LUIZ.

LUIZ

Meo tio por aqui!? Que surpresa agradavel!

FAUSTO

(Seo tio!? Fil-a bonita!)

LUIZ

Fausto, apresento-te meu tio, o roceiro de quem tantas vezes te fallei. Meo tio, este é o meu amigo Fausto de Abreu e Silva, filho do infeliz negociante —já fallecido— Antonio Fausto de Abreu e Silva.

NOLASCO, rindo-se

Ah! ah! ah! já nos conhecemos.

FAUSTO, *que enfia a principio, ri-se tambem.*

Ah! ah! ah! E' bôa! e eu, — estúpido, que fui! pois eu não via logo n'este todo magestoso, n'este rosto bronzeado a frontê larga e expressiva de um respeitavel fazendeiro! Aceite mil perdões, e desculpe-me certas expressões um tanto francas.

NOLASCO

Ora, ora, ora.



FAUSTO

E aproveitando o ensejo offerço-lhe o meu pouco prestimo, e uma amisade sincera.

NOLASCO

Acceito o seo prestimo, —recuso o mais.

FAUSTO

Seo humilde servo. (Tem dinheiro: amanhã peço-lhe cincoenta mil reis emprestados.)

NOLASCO

(Este pateta póde ser-me util: custa-me isso duas ou trez duzias de mil reis, mas não importa.)

LUIZ

Quando chegou, meu tio?

NOLASCO

Agora mesmo, e não pretendo voltar tão cedo; demoro-me na Côrte, —quero civilisar-me.

LUIZ

Como?

NOLASCO

Não tenho filhos, e estou ficando velho: faço tenção de desfructar o resto da minha vida, e metter n'uma dança os meus cobres.

FAUSTO

Magnifico, meu amigo ! juntemo-nos ; eu sou forte em  
theória ; na pratica não tanto por uma razão muito simples.

NOLASCO

Faltão-lhe os dançarinos, heim ?

FAUSTO

E' verdade ; com pezar o confesso.

NOLASCO

Agora não te hão de faltar : serás o meu cicerone.

FAUSTO

(Já me trata por *tu.*)

NOLASCO

Theatros, bailes, botequins, — pagódes, jantares e ceias  
com mulheres..... Aqui não estão senhoras,—dize-me cá :  
ainda existe o Hôtel. .. este Hôtel aqui da rua da Lampa-  
dosa ?

FAUSTO

Agora ha cousa melhor, de mais luxo e maior sorti-  
mento. Hade ver ; não se mortifique por esse lado.

NOLASCO

Não me poupes : eu pagarei tudo, e do melhor e mais  
caro.

FAUSTO

(Descobri a quadratura do círculo!) Viva a trossa! *Dá o grito da bohemia.*)

NOLASCO

Que tens, Luiz? ficaste triste.

LUIZ

Triste, não,—sorprezo.

NOLASCO

Onde está tua mulher? e minha afilhada, onde está?  
onde diabo metteo-se esta gente!?

LUIZ

Ahí vem minha mulher.

FAUSTO

(Vou pedir a água para beber,—não vejo outro meio.)

## Scena VII

OS MESMOS E CECILIA

LUIZ

Olha, Cecilia, quem está aqui.

CECILIA, *applicando o pincc-nez*

Quem é?

NOLASCO

Não me conheces mais...? Também ha tantos annos que não nos vemos.

CECILIA

Oh, o tio Pedro! quem poderia pensat... a estas horas... na Côrte.... *(Beija-lhe a mão)* Como está? está bom?

NOLARCO

Bom, graças ao feijão e á cangica. Tu és quem está com umas banhas....!

CECILIA

Banhas!

NOLASCO

Pareces uma leitôa de estimação.

CECILIA

Uma leitôa! *(Este meu tio é agreste de mais.)*

FAUSTO

*(Não vejo meio de pedir agôa.)*

NOLASCO

Onde diabo está minha afillhada? Já sei que voçs vão casal-a: eu recebi a tal carta, que me escreveram, pedindo o meo consentimento. Se ella quer, e se o noivo é d'ella, casem-n'a.

LUIZ

O moço é trabalhador; de familia honesta, porém pobre; e sem mais recursos do que o mesquinho ordenado de amanheense da Secretaria da Guerra.

NOLASCO

Se ella gosta d'elle, não será a falta de meios do pobre rapaz que impedirá o casamento. E com franqueza, meus ricos sobrinhos, foi isso que me trouxe á Côrte: eu não quero de maneira alguma que minha afillhada se case ahi com qualquer pelintraço, que lhe gaste o dóte em pomadas e vidros de cheiro. Mas onde está ella?

CECILIA

Está se vestindo,— não póde tardar. Vou mandar apressal-a. (*Chamando*) Genoveva? Luiz, chama a Genoveva.

LUIZ, *chamando*

Genoveva?

## Scena VIII

### OS MESMOS E GENOVEVA

GENOVEVA

Sinho?

FAUSTO, *com enthusiasmo*

(E' ella! a imagem dos meus sonhos.)

NOLASCO

O que é?

EAUSTO

Nada,—eu soffro dos nervos.

NOLASCO

Banhos de rio. E' com que curamos lá na roça.

CECILIA

Dize a Sinhásinha que venha cá, sem demora.

GENOVEVA

Sim, sinhá.

FAUSTO

(E' agora, vou pedir agôa.) Um cópo com agôa... um cópo com agôa... Estou morrendo de sêde.

NOLASCO

Pst; rapariga? um cópo com agôa para este sujeito, que padece dos nervos.

LUIZ

Traze agôa.

GENOVEVA

Sim, sinhó (*sahe.*)

## Scena IX

OS MESMOS, MENOS GENOVEVA

NOLASCO

Vocês vivem n'um luxo, — am! am!

CECILIA

Recebemos gente esta noite, e bem vê que..... temos certas etiquetas, certa decencia á guardar....

FAUSTO, *á Nolasco*

(O seo paletot cõr de burro quando foge começa a fazer effeito: é uma indirecta.)

NOLASCO

(Pagodista!)

LUIZ

Sabes Cecilia, nosso tio demora-se na côrte.

CECILIA, *enfada*

Ah!

NOLASCO

Você ficou assim a modo não sei como.

CECILIA

Qual! meo tio illudio-se: é que eu pensava que quarto lhe daria: a casa está tão atravancada....!

NOLASCO

Nada, não te incommodes,—vou fazer uma casa para minha moradia.

FAUSTO

Uma casa nobre.

NOLASCO

Nobilissima. Onde ha de ser ?

FAUSTO

No bairro da aristocracia : em Botafogo.

NOLASCO

Em Botafogo.

FAUSTO

Com jardim na frente, fachada de marmore preto, etc., e  
tal pontinhos.

NOLASCO

E as miuhas iniciais em cima.

FAUSTO

E debaixo das suas iniciais uma espiga de milho e  
duas ramas de café, symbolizando as duas especialidades  
da sua fazenda.

NOLASCO

Nada : assucar só.

FAUSTO, *com emphase*

Então será um pão de assucar !

LUIZ

(Se elle se arruina, ad us heredes ad ad us heredes)



NOLASCO

E depois remato a loucura : caso-me.

LUIZ E CECILIA

(Ah!)

FAUSTO

Eu lhe escolherei uma bôa mulher.

NOLASCO

Ahi parão as suas ajudas : eu mesmo a escolherei : tenho bom paladar.

NOLASCO

Vou passar por uma completa reforma.

CECILIA

Começando pela... pela sua... (*Accena a roupa.*)

NOLASCO

Pela minha roupa ?

CECILIA

Não por nós, mas recebemos a melhor gente do bairro, e hão de reparar.....

NOLASCO

Pois a minha roupa offendia-os ? Está bem, vou substituir-me. Tú verás como venho cheio, assim á tua moda, com o peitão bem estruturado. Mas, antes de tudo, quero ver a minha afilhada. Que cam ?

## Scena X

OS MESMOS E GENOVEVA, *trazendo uma salva de prata com côpos*

GENOVEVA

Sinhásinha não póde vir já : está-se vestindo.

*Fausto, á direita, no primeiro plano, com Genoveva, que lhe offerece agôa ; Nolasco, Luiz e Cecilia, á esquerda, no segundo plano.*

FAUSTO

Eu tenho uma cousa para te dar.

GENOVEVA

Então dê-m'a já.

FAUSTO

Deixei em casa : amanhã trago-t'a. *Continuão á conversar, baixo.*

CECILIA

Carlottinha está fazendo *toilette* : não contem com ella n'estas duas horas.

LUIZ

Vae apressal-a tí mesma, Cecilia : dire-lhe que ahí está o padrinho.

CECILIA

Eu vou.

NOLASCO

Nada, nada.

LUIZ

Ella vem já.

NOLASCO

Não, senhor, —deixem a menina vestir-se á sua vontade :  
eu vou fazer o mesmo.

FAUSTO, *deitando na salva uma moedinha de prata*  
Gosto da gente que me entende.

GENOVEVA, *guardando a moedinha*

Muito obrigada.

CECILIA

Está bom. *Genoveva sahe.*

## Scena XI

OS MESMOS, MENOS GENOVEVA

TODOS

NOLASCO

Já bebo agôa?

FAUSTO

Já. Os senhores têm boa agôa em casa : é da Carioca?

CECILIA, *com malicia*

Não, senhor : é da Bahia.

FAUSTO, *disfarçando*

Bom.... bom.... Estou ás suas ordens, Sr. Nolasco.

NOLASCO

E eu ás suas. Quem é hoje o melhor alfaiate da Côrte?

FAUSTO

E' o Souza: na rua do Hospicio, esquina do Becço Sujo

NOLASCO

E' longe?

FAUSTO

Nós vamos de carro.

NOLASCO

Começas bem. Até já, minha gente. *A Fausto Vamos:*  
nomeio-te meo conselheiro intimo.

FAUSTO

(Far-me-hei em breve teo ministro de finanças.)

NOLASCO

Espera lá. Esquecia-me do meu guarda-chuva. Onde  
está elle? Furtaram o meo guarda-chuva! Ah! está aqui.  
Vamos.

FAUSTO

Vamos. *Sahem.*

## Scena XII

LUIZ E CECILIA

LUIZ, *sentando-se*

Que mudança se operou em teu tio!

CECILIA

E' verdade! Antes isso do que aborrecer-nos com os  
seos sermões.

LUIZ

Não consentiremos em semelhante dissipação: é um furto.

CECILIA

E que te importa?

LUIZ

Importa-me muito. Está velho, viva muito embora, mas não se arruine: afinal somos os seus únicos herdeiros.

CECILIA

É's muito interesseiro!

LUIZ

Necessariamente. Carceemos tratá-lo bem, animal-o mesmo, porque de um momento para outro podemos precisar d'elle mais do que nunca.

CECILIE

Como?

LUIZ

Esgotámos todos os recursos pecuniarios; aqui tens tudo o que nos resta: mobílias, espelhos, cousas que nada valem.

CECILIA

Meo Deos! São consequencias do seu jogo!

LUIZ

Ou antes do seu luxo desmedido e da sua louca mania de dar partidas e apparecer em todos os theatros e bailes.

CECILIA

— Sim, mas é das minhas reuniões que o senhor se vale para estabelecer bancas de jogo, onde perde cinquenta ou cem vezes mais do que eu gasto para receber as pessoas que me honrão com a sua amizade.

LUÍZ

— E os seus vestidos, as suas jóias e os seus penteados, não se contam? e Fulana tem isto, e mais aquillo, e mais um capricho tãlo, tambem não se conta?

CECILIA

— Queria sem duvida que eu trajasse como a Genoveva, não é? Pois não! Gastei, gasto e hei de gastar,—para isso eu trouxe um dote.

LUÍZ

— Sem elle ninguem a quereria: os seus escandalos nos salões; as entrevistas\*faceis com o primeiro homem, que lhe fallava de amor; e as cartas de namôro, que ainda por ali andão algures; recommendaram-na bastante e assaz a definiram. Parece-me que me expliquei bem.

CECILIA

— Ainda em cima offende-me.

LUÍZ

— Abaixé a voz: na sala do jogo está gente.

CECILIA

— Agora convenci-me que o senhor não me tem a honra e afeição; o jogo prostituo a sua casa.

LUIZ

Deixemo-nos de scenas ridiculas.

CECILIA

Sou uma desgraçada!

LUIZ

Já não creio em suas lagrymas.

CECILIA

Ea sei o que hei de fazer,—estou decidida. *Soluçã.*

LUIZ

Faça o que quizer.

CECILIA

Mãos tratos todos os dias.... todos os dias.... (*Soluçã e chora*).

LUIZ

Acalme-se. Insinue-se no animo de seu tio,—só elle nos póde salvar, ou aliás faremos uma figura irrisoria.

CECILIA

A vergonha!

LUIZ, *brando*

Enxuga os olhos, que estão vermelhos de tanto chorar; se imaginasses como ficas feia quando choras.

CECILIA

Que m'importa.

LUIZ

Ahi vem gente,—é o Dr. Alberto de Moraes.

CECILIA

(Elle! E' chegado o momento de vingar-me.) Conhece-se que chorei ?

LUIZ

Não,— podes socegar.

## Scena XIII

OS MESMOS E O DR. ALBERTO

*DOUTOR, trajado para baile; na porta*

*Com licença. Aperta a mão de Cecilia, depois a de Luiz. Bõas noites.*

CECILIA E LUIZ

Bõas noites.

DOUTOR

Sou talvez importuno,— perturbei um tête-à-tête conjugal.

LUIZ

Graceja, doutor.

DOUTOR

Mas... o que tem? sofre?

CECILIA

Não. Passei ligeiramente a ponta do beque nos olhos,— ainda os tenho rubros de tanto esfregar.



DOUTOR

Santo Deus! Porque não os banhou logo com uma pouca de água da Colônia delida em água simples?

CECILIA

Passou,— nada mais sinto.

LUIZ

E' nada.— Doutor, permitta-me que o deixe: os parceiros do voltarete esperão-me na sala contigua. As ceremonias matão os divertimentos d'esta natureza.

DOUTOR

Ora, meu amigo.... (*Luiz vai-se*).

## Scena XIV

CECILIA E O DOUTOR.

CECILIA, *sentando-se no divan.*

Julguei que não vinha!

DOUTOR.

E pôde imaginal-o...?

CECILIA.

Porque não? o senhor é um ingrato.

DOUTOR.

Mas um ingrato, que a adora; um ingrato, a quem a senhora convertee na imagem da fidelidade com a sua belleza angelica.

CECILIA.

Que mentiroso ! Os seus labios habituados á lisonja, deixão já escapal-a sem sentir.

DOCTOR.

Modesta !

CECILIA.

Cuidado, não entre por ali D. Candida ; se ella o ouvisse...

DOCTOR.

O que tinha ?

CECILIA.

Faça-se de tólo.

DOCTOR.

Julga que eu alimento alguma affeição por ella !

CECILIA.

Tenho certeza : é pocto e está na archeologia.

DOCTOR.

Mã.

CECILIA.

Respeitemos os monumentos ! E demais consta que deseja casar-se : viuva rica, bonita apesar de... velha e pirituosa : o que mais quer ?

DOCTOR.

Pode aspiral-o, — não é mais recida.

CECILIA.

Quantos annos julga que elle tem ?

DOUTOR.

Vinte e oito.... trinta.... ou trinta e oito....

CECILIA.

Quarenta.... quarenta e cinco.... ou cincoenta....

DOUTOR.

Cem, dusentos, ou tresentos: façamos logo d'ella um Mathusalem de saias.

CECILIA.

Não é preciso: ha certos signaes pelos quaes o tempo se revela.

DOUTOR.

Não ha no resto de D. Candida um só signal, que annuncie.....

CECILIA

Não se trata do rosto, mas da cabeça.

DOUTOR.

Os cabellos são pretissimos.

CECILIA.

Porque pinta-os;—que admiração!

DOUTOR.

Qual!

CECILIA.

Pinta-os: A Genoveva, a minha alugada, esteve em casa d'ella,—foi quem me contou.

DOUTOR.

Como se sabe de tudo !

CECILIA

Assistia até á operação : um official do Claude é quem  
vae fazel-a quasi todas as mannãs, antes do almoço.

DOUTOR

D. Candida desmerece muito se a noticia se propala.  
Perde tudo quanto ganhára....

CECILIA

Num meio seculo de sonhos e illusões, — era já tempo !

DOUTOR.

E que bella estreia lhe preparão para esta noite ! Ah !  
esquecia-me : trago-lhe esta camelia branca como uma  
pallida lembrança do dia de hoje.

CECILIA.

Como é linda ! *Vae ao espelho e deita-a no cabelo.* Já  
escolheo as suas quadrilhas ?

DOUTOR.

Já.

CECILIA.

Quaes são ?

DOUTOR.

Todas.

CECILIA.

E polkas e valsas, tambem ?

DOUTOR.

Tambem.

CECILIA.

Jesus, que egoista!

DOUTOR.

Muito, como não imagina!

CECILIA.

Parou um carro á porta. O seo braço. Vamos para a sala, não quero que nos vejam aqui sósinhos.

DOUTOR.

Sem um beijo, que me assegure a sua predilecção d'entre toda essa gente, que ahi vem ? !

CECILIA, *com graça.*

Não dou.

DOUTOR, *com paixão.*

Cecilia !

CECILIA, *entregando-se.*

Não dou.

DOUTOR.

Dá-me uma prova de que eu não te sou indifferente.

CECILIA

Não dou. *(Consente que o doutor beij-a, dizendo sempre)*  
Não dou, não dou.

DOCTOR.

Oigo passos.... Vamos.

CECILIA, batendo-lhe graciosamente com o leque na face.

Bejeiro! Saíem.

## Scena XV

PEDRO NOLASCO, trajado para baile, grutescamente; E

FAUSTO.

FAUSTO.

Olhe, olhe! lá vae sua sobrinha de braço com o Dr. Alberto de Moraes, o flagello dos maridos!

NOLASCO.

Descarado!

FAUSTO.

Vae mais longe o desfaçamento: ainda não ha muito era mentido por D. Candida, velha gaitira, que protege a mocidade do sexo contrario ao seu.

NOLASCO.

E' aquella?

FAUSTO.

E.

NOLASCO.

Lembre-se que prometto-me analysar um por um os individuos, que compõem a sociedade de meos sobrinhos

FAUSTO.

O prometido é devido. Começão a chegar os convidados,—esperemo-los aqui.

## Scena XVI.

OS MESMOS, ANASTACIO DA SILVEIRA E HERMELINDA; DEPOIS D. CANDIDA E ALCIBIADES; DEPOIS ANDRÉ DA FONSECA E JESUINO ALVES; E FINALMENTE CONVIDADOS DE AMBOS OS SEXOS.

*Anastacio da Silveira e Hermelinda atravessão a scena com direcção ao salão, saudando com a cabeça a Nolasco e Fausto.*

NOLASCO, *com interesse.*

Quem são? quem são?

FAUSTO

Ninguem.

NOLASCO

Pois olhe, meu amigo, parecem gente!

FAUSTO.

São o Sr. Anastacio da Silveira e sua presada e gloriosa filha, a Sra. D. Hermelinda. O velho é empregado na Alfandega; ganha um conto e oito centos mil réis annuaes, não tem rendimentos, nem dividas, e gasta vinte vezes mais do que ganha.

NOLASCO

Faz milagres!

FAUSTO.

E' um dos mysterios do Rio de Janeiro.

NOLASCO

Joga?

FAUSTO

Nada, não joga; ás noites passa-as elle nas boticas e armarinhos para não ser visto em casa.

NOLASCO

Tudo se explica,—já vejo claro.

FAUSTO.

A menina é sua filha, dizem: eu não quero levantar calumnias ao pobre homem. Tem uma educação esmerada. Canta e executa ao piano grandes peças de musica. Previno-lhe que executar tambem significa enforçar. Polka maravilhosamente. Estropia o idioma francez e tortura o italiano. Traja com luxo. E' assignante dos jornaes de modas; e finalmente, nas conversações, cita trechos dos folhetins do Jornal do Commercio.

NOLASCO

E' quando perguntão ao pay como pôde com tanta despesa, o que responde elle?

FAUSTO, *com ironia.*

Que a menina cose para fóra.

AMBOS

Ah! Ah! Ah!



NOLASCO, *com mysterio.*

E quem está agora no ministerio?

FAUSTO, *idem.*

O ministerio cahio; desconfia-se que o Barão de Paqueta é chamado para a pasta da fazenda.

NOLASCO

Magnificamente, meu amigo, magnificamente.

FAUSTO

O meu daguerreotypo é fiel.

*D. Candida entra com direcção ao salão. Vem acompanhada por Alcidiades de Castro, que traz ao braço a sua sahida de baile branca com borlas vermelhas. Ao ver Fausto desce ao proscenio, saúda Nolasco com exagerada affectação e diz:*

D. CANDIDA

Adeos, senhor Fausto, não ha quem o veja! já não apparece lá em casa:— o que é feito do senhor? Ingrato! quanto mais o estimo, mais elle me foge! hei de castigalo afadigando-o logo na primeira walsa.

FAUSTO

(Estou perdido! não me pôde dar peor castigo.)

D. CANDIDA

Sim?

FAUSTO

Pois não... (Pois não!)

D. CANDIDA,

Até o momento do signal; eu o espero, apesar de todas

os empenhos : alguém hade ser logrado para o senhor ser servido. *Comprimenta e tae-se acompanhada por Alcibiades.*

NOLASCO

Quem são ? quem são ?

FAUSTO

E' a senhora D. Candida de Vasconcellos, viuva rica : fez quarenta annos ha dez annos, e parou : promette não voltar atraz e muito menos ir adiante. O resto fica dito.

NOLASCO

E o sujeito ? o sujeito ?

FAUSTO

E' o successor do Dr. Alberto de Moraes.

NOLASCO

Como se chama ?

FAUSTO

Alcibiades de Castro.

NOLASCO

Filho de quem ?

FAUSTO

O pay era um homem de bem, que fez a loucura de suicidar-se só porque o filho subtrahio meia duzia de contos de reis n'uma casa de commercio, onde o empregára,

NOLASCO

Pobre pay ! quanto soffrimento não lhe foi preciso para

tamanho crime! quanta vergonha, para tamanha fraqueza!

FAUSTO

Não o lastime; estava no céu; e não foi testemunha de maior infamia do filho.

NOLASCO

Ainda maior?!

FAUSTO

Muito maior. Era uma criança, criança doida e de más companhias,—o furto estava quasi justificado. Mas de luto pelo pay, que se matára por sua causa, percorria as ruas mais frequentadas da cidade, de dia, com mulheres de má vida, que dissipavão com o libertino a herança do suicida.

NOLASCO

Que alma perversa, meu Deus!

FAUSTO

Calho no peripatetismo, meu amigo?

NOLASCO, *com transporte*

Qual.... qual.... ah! ah! ah! que historia engraçada!  
Adiante, — ahi vem mais gente.

*André da Fonseca atravessa a scena.*

FAUSTO

Vê?

NOLASCO

Vejo.

FAUSTO

É um poeta. Faz das quadras modo de vida, e prefere não comer todo o dia a vir a soirée sem luvas.

NOLASCO

E esse calhorda não morre de fome?!

FAUSTO

Não, porque cada dia encommoda um amigo.

NOLASCO

Só assim.

FAUSTO

Atenção para este. *Jesuino Alves entra.* Os meus mais humildes cumprimentos ao dramaturgo laureado.

JESUINO, *lisongeado.*

Bondade sua... bondade sua....

FAUSTO

A modestia assenta-lhe mal, meu amigo.

JESUINO

Tentativas, meras tentativas e nada mais. *Sahe cumprimentando.*

FAUSTO, *a Nolasco*

Deus o livre d'este animal: se o pilha de geito, obriga-o a ouvir a leitura de um drama da escola realista, em 5 actos, com um enorme — a proposito — sobre as vantagens que trouxe o theatro moderno, e uma cutilinaria contra a escola ultramarina. Aspira ás glorias de abolir dos monologos e ápartes.

NOLASCO

Será o autor desta comedia?

FAUSTO

Não sei ao certo.

*Atravessão a scena convidados de ambos os sexos.*

NOLASCO

Oihe, olhe...

FAUSTO

Aquelle sujeito vai duas vezes durante o anno ao Porto, onde consta que tem uma grande fabrica de papel.

NOLASCO

De papel para embrulho; não é?

FAUSTO

De papel.... moeda.

NOLASCO

Ah! E aquell'outro?

FAUSTO

E' o homem de mais consciencia que eu conheço: dá dinheiro a 5 %, e ainda exige penhor. Com os menores e tutelados elle faz um negocio mais razoavel: cento por cento.

NOLASCO

Ladrão!

FAUSTO

Eu não dice isso. E' até um ladrão muito honrado. Meu relógio está depositado nas suas mãos.

NOLASCO

Maganão! está no prego, heim?

FAUSTO.

Foi só para experimentar a sensação. Eu prefiro sentir a commoção do prego a dar um *doublé*, no *lansquenet*. O *doublé* é uma cousa estúpida!

NOLASCO

Ahi vem mais gente. Continúa na tua analyse. Depois fallaremos de ti.

FAUSTO

Eu prosigo. Aquelle é um procurador de causas, que enriqueceu á custa da fortuna de uma viuva, a quem deixou na miséria.

NOLASCO

Pobre mulher! E aquella sujeita?

FAUSTO

E' uma cantora avulsa: dá concertos de oito em oito dias, massantes como só elles.

NOLASCO

E aquella, aquella exquisito que ali, vae?

FAUSTO

E' o author do novo plano para o nosso theatro normal.

NOLASCO

Bom patriota, heim? anima as artes.

FAUSTO

Pede pelo patriotismo duas loterias por mez e dous mil contos para a edificação de um theatro, e suas escholas.

NOLASCO

Mais gente: olhe.

FAUSTO

Aquelle que ali vae é um refinador de assucar, que sahio barão. Aquell'outro é um individuo complicado na questão das carnes verdes. O que caminha atraz d'elle já entrou em jury por estellionatario. Nada direi sobre as senhoras por decencia, — ainda assim....

NOLASCO

Basta. (No meio de que gente foi educada a minha afilhada! Pobre menina.)

## Scena XVII

NOLASCO, FAUSTO, ADOLPHO E CARLOTA

ADOLPHO, *entra rapido e olha avido para dentro*

Ella não está no salão!

FAUSTO, *a Nolasco*

E' o noivo.

CARLOTA, *apparecendo*

Adolpho!

ADOLPHO

Carlota!

CARLOTA, toma Adolpho pela mão e ajoelha-se com elle  
junto de Nolasco.

Meu padrinho, só esperavamos a sua benção.

NOLASCO, deitando-lhes a benção

Deus os abençõe, meus filhos, e preserve d'aquella  
gente. Quadro.

FIM DO 1º ACTO



## ACTO II

SALA DE VISITAS: — A direita, um sofá de palhinha rodeado de quatro cadeiras de braços; mais adiante, uma cadeira de balanço; junto a parede, um consolo com espelho grande, jarras com fiores, etc.; no meio, uma mesa redonda. — A esquerda, no primeiro plano, em frente ao sofá, uma *chaise-longue* de molas; adiante, cadeiras; junto a parede outro consolo também ornado. No fundo, tres janellas de peitoril com cortinas brancas; defronte da janella do meio, um piano de armario. — Porta principal, a direita; a esquerda, outras de comunicação. Lustres e arandelas de gaz, accesos.

ORDEM: Nolasco, no sofá, grosseira, mas decentemente sentado; na primeira cadeira de braços, ao lado direito do sofá, D. Camilla; na segunda, Alcibiades de Castro; ao pé, na cadeira de balanço, Anastacio da Silveira. Cecilia, graciosamente sentada na *chaise-longue*; ao lado d'ella o Dr. Alberto de Moraes, melicamente recostado. Atrás da *chaise-longue*, Jesuino Alves de pé; adiante, em cadeiras distribuidas com elegancia e gosto, André da Fonseca e o Barão de Paquetá. Luiz, sentado junto a mesa, da parte d'além, conta marcas para o voltarete; Carlota, á janella, sem attender ao que se passa em scena, olha a rua. — Ao levantar o panno, todos dizem: bravo! muito bem! O Barão sobresabe d'entre todos. Hermelinda levanta-se do piano, e conduzida por Fausto, que estava a voltar as folhas da musica, vai sentar-se n'uma cadeira, d'antemão collocada, entre Anastacio e o Barão. Fausto, que fica de pé, vai de um lado a outro, conversando e rindo-se. Convidados.

### Scena I

TODOS, MENOS GENOVEVA E ADOLPHO

FAUSTO

Consinta que eu conduza ao seu lugar a mui digna rival da Alba.

HERMELINDA

Que caçador!

CECILIA

D. Hermelinda, a senhora cantou com muita graça.

D. CANDIDA

E muita expressão.

BARÃO

E como dice bem as palavras! com que alma! com que alma!

HERMELINDA

Tanta bondade.... Não sei até como pude cantar: ha dois dias que me sinto sem voz, com muitas dôres de garganta. Não é verdade, papai?

ANASTACIA

E' verdade, é.

DR. ALBERTO, *sem levantar-se*

Porque não toma alguma cousa? um xarope qualquer...

HERMELINDA

Ora, não....

BARÃO

Um calice de licôr: é mais homoeopathico.

HERMELINDA

Tanto encommodo! não vale a pena....

BARÃO, *com emphase*

E' a rainha da modestia.

FAUSTO

(Safa, que asneira!)

BARÃO

Eu vou buscar, — não me demoro.

HERMELINDA, ao Barão

(Só assim.) Papai, onde está o meo *cache-nez*?

ANASTACIO

Em cima do piano : eu já previa que te endefluxarias.

HERMELINDA

Dá-m'ó, papay? Senhor Fausto, fecha-me aquella janella? *Anastasio cobre-a com a manta.*

FAUSTO

Pois não, minha senhora : eu nasci para servir as damas.

BARÃO, que vem com o licôr

(Safa, que atrevimento!)

NOLASCO

(Palavra! não gostei nada da berraria da tal menina. Parecia que tinha o demo nas-tripas!)

FAUSTO, a Nolasco

(E' soprano *sfogatto.*)

BARÃO

Aqui tem, é de rosa : *similia similibus.*

HERMELINDA, depois de ter bebido o licôr

Muito obrigada, menos o debique.

BARÃO

Respeito-a muito para debical-a.

TODOS AO MESMO TEMPO

HERMELINDA

Como é bom e delicado.

BARÃO, *com galanteio*

E quem não o será junto da senhora?! Quem pode ver sem deixar de amar-te!? Quem pôde amar-te sem morrer de amores?!

HERMELINDA

Eu hei de ver se o que me diz é verdadeiro.

BARÃO

Ponha em prova e verá.

HERMELINDA

Mais tarde.

ANASTACIO DA SILVEIRA, *olhando o Barão*

(O Barão tem bons parentes: pôde arranjar-me um emprego melhor, ou fazer-me ter accêso.)

FAUSTO, *a Nolasco*

(Observe o que se passa entre o Barão, o velho e a espi- vitada da filha. Observe bem.)

NOLASCO

Então você julga que eu estou dormindo?!

LUIZ, *contando as marcas*

Oitenta... noventa... e cem : aqui está mais uma entrada.

DR. ALBERTO, *a Cecilia*

E duvida ainda ?

CECILIA, *brincando com o leque*

Descreio, confesso.

DOCTOR

Tão moça, tão linda, e já descrê d'aquillo que vê ! Perdoe-me, agora sou eu quem descrê.

CECILIA

O mundo mateu-me as crenças.

DOCTOR

O mundo é máo.

CARLOTA, *sósinha á janella.*

E Adolfo não vem ! Terá acontecido alguma coisa... ?  
Ay, meo Deus ! como estou com cuidado n'elle.

JESUINO ALVEZ, *a André*

Na proxima sessão da Arcadia pretendo ler o meu ultimo trabalho dramatico. Eu discuto nelle uma these eminentemente social : a redempção da mulher.

ANDRÉ

Que dupla coincidência ! Eu espero essa mesma occasião para ler a minha ultima inspiração poetica. Eu canto n'ella a mulher, que transviou.

JESUINO ALVES

Quando tudo nos rouberem, fica-nos ao menos o merito da novidade.

ANDRÉ

Diz-me o coração que será o meu canto do cysne.

D. CANDIDA, a Alcibiades

Sr. Alcibiades, não acha que nos tratão com pouco caso?! ninguém se chega para mim....

ALCIBIADES

Estão ciosos da minha felicidade.

D. CANDIDA, vaidosa

Deixe-os penar.

ENTRE TODOS

ANDRÉ

D. Cecilia, deleite-nos com alguma das suas sonoras e mellifluas romanças.

CECILIA

Dispensem-me, não me sinto bem: estou com muitas dôres de cabeça.

BARÃO

Consente que seja eu o feliz mensageiro de um calix de licôr?

CECILIA

Não, por Deus!

FAUSTO

(Não é um homem : é um licoreiro.)

ANDRÉ

A sua romança ia despertar-me d'ôces recordações !  
(*Suspira*). A sua voz fallia essa linguagem mystêriosa e  
celestial, que penetra até as fibras mais reconditas d'alma,  
que soffre : ouvindo-a, minha senhora, elevo-me n'uma  
nuvem azul ao azul do azulado espaço....

FAUSTO

(Este poeta é um azulão !)

ANDRÉ

.... e esqueço por momentos as dôres de um martyrio  
perenne, que tambem se chama—vida!

NOLASCO

(Olhem que pedaço d'asno !)

ANDRÉ

Ay ! bem dizia o poeta inglez : dêem-me um asylo para  
viver e um tumulo para morrer.

CECILIA

Agradecida, porém não posso cantar ; mais tarde, tal-  
vez...

FAUSTO, *a Nolasco.*

(Aquelle paqueta não falla senão em dôr continua, mar-  
tyrio perenne, soffrimento eterno, tormento perpetuo, e  
não obstante está gordo e lúcido....)

NOLASCO

(Como um porco, nada de poesia.)

JESUINO, a Cecilia

Não quer cantar? Vou tomal-a para typo da serpente no meu proximo drama.

CECILIA, com sarcasmo,

Espero que não levará a sua maldade até esse ponto.

JESUINO

Não duvide.

NOLASCO

(Olhem o outro pa scacio.)

FAUSTO, a Nolasco.

(São dignos um do outro.)

NOLASCO

(E tu tambem, meo amigo, és boa biscoa. Olá!)

FAUSTO

(Um l deixem estar que este velho não é má rolha!)

BARÃO, a Hermelinda, como que continuando:

.... quem póde vêr-te sem deixar de amar-te? quem póde amar-te.....

FAUSTO

.... sem morrer de amôres? Já li isto não sei onde. Não admira a confusão. Eu tenho uma litteratura mesclada! (Mudando) D. Cecilia, será indiscrição pedir-lhe que cante o—« Meo anjo, eccuta »—, a mais bella romanza do Amal?



CECILIA

Já neguei ao senhor André da Fonseca,—não quero estabelecer diferenças.

ANDRÉ

Perdão,—eu junto os meus aos rogos d'elle ; talvez dois consigão o que um só não pôde alcançar.

CECILIA

Não quero ser rogada : cantarei. *Levanta-se*

BABÃO, D. CANDIDA, ANDRÉ, JESUINO, ALCIBIADES,  
DR. ALBERTO E FAUSTO

Ora, graças !

NOLASCO

(Queira Deus minha sobrinha não se espiche como a outra gatinha.)

ANASTACIO, *a D. Candida e Alcibiades.*

(Minha filha tem muito melhor voz : mais melodiosa, mais agradável, mais clara....)

D. CANDIDA

(Ora, ora, ora !.....)

ALCIBIADES

(Sem comparação.)

ANASTACIO

(E depois não desafina tanto : não achão ?)

D. CANDIDA E ALCIBIADES

(Achámos.)

CECILIA, indo do piano

D. Hermelinda, venha acompanhar-me: eu não posso fatigar-me muito.

HERMELINDA, levantando-se

Com muito praser. *Vae ao piano.*

CECILIA

A musica?

*Confusão na sala. Todos se voltão para o piano. Hermelinda precludia o motivo da romança.*

BARÃO.

A musica? eu ajudarei a procural-a. *Procura no consólo enquanto Cecilia procura por entre as musicas de cima do piano.*

ANDRÉ, a Luiz

(Seo tio tem estado na côrte?)

LUIZ

(Porque?....)

ANDRÉ

(Está ali no sofá de maneira que parece mais um feitor no terreiro do que um homem de convivencia.)

FAUSTO, a Nolasco

(Começão a reparar no seo modo de estar.)

NOLASCO

(Que m'importa! estou em minha casa. Vão para o diabo, que os carregue! Tudo isto que aqui está é meo,—fui eu quem pagou.)

FAUSTO

(Se é que está pago.)

HERMELINDA, *levantando-se*

Então... a musica? *Ao Barão.* (Diga que não achou.)

BARÃO

(Sim.) Não achei... não achei....

CECILIA

Ah! emprestei-a á vizinha no volume do duetto da Simiramis.

FAUSTO

Renunciemos a romança do Amat, e escolhamos outra.

D. CANDIDA

Peço fervorosamente que seja do mesmo author: a musica sentimental falla-me n'alma pela sua melancholia...

ALCIBIADES

E penetra até á medula dos ossos.

CECILIA

Conhecem a sua ultima composição?

TODOS

Não.

CECILIA

E' linda. Não está ainda impressa. Vou cantal-a para cumprir a minha promessa.

BARÃO

Não quer que procure a musica?

HERMELINDA, ao Barão

(Diga que não encontrou.)

CECILIA

Não se encommóde,—eu sei de cor. D. Hermelinda,  
acompanhe-me.

HERMELINDA

O que vai cantar?

CECILIA

A romança: *Guarda bem*. Conhece?

HERMELINDA

Muito.

CECILIA, tossindo com graça

Podemos começar.

(Hermelinda preludia e acompanha; Cecilia, canta. A  
romança é interrompida por vezes do modo seguinte:

D. CANDIDA

Bonito!

ALCIBIADES

Muito bem!

ANDRÉ

Quanto sentimento! parece que a alma d'a puella mu-  
lher vai-se-lhe dos labios com as notas.

FAUSTO

Bravo! Bravissimo!

BARÃO

O acompanhamento é magistral!

DOCTOR

Quanta expressão! quanta vida!

ANASTACIO

(Nem por isso.)

JESUINO

Que melodia! quanta harmonia!

*Acabado o ultimo estribilho, Cecilia vae rapida e graciosamente sentar-se no seo lugar; o Barão dá o braço a Herme-  
linda, que Fausto ia para conduzir; os demais applaudem,  
menos Anastacio, que sorri-se malignamente.*

TODOS

Bis! Bis!

CECILIA

Não é possível! estou com a garganta tão inflammada, e depois esta tosse.... *(Tosse com affectação.)*

FAUSTO, a Nolasco

(Não se assuste com a tosse de sua sobrinha,—é doença invariavel e axiomática nas senhoras, que cantão.)

NOLASCO

(E' manha, quer você dizer.)

*Nova confusão: todos voltão á posição primitiva. Adcl-  
pho apparece á porta, pallido e abatido.*

## Scena II

OS MESMOS E ADOLPHO

ADOLPHO

Perdão.

CARLOTA, *voltando-se com surpresa á voz de Adolpho.*

Ehe! Sorri-se e *vae buscal-o pela mão.* Tão tarde, Adolpho!

ADOLPHO, *frio*

Minha senhora.

LUIZ, *indo-lhe ao encontro*

Seja bem apparecido.

CECILIA, *idem*

Julgavamos que não vinha!

CARLOTA, *attonita*

Que frieza!

ADOLPHO, *no meio da sala*

Minhas senhoras.... Senhores....

*Os homens levantão-se; as senhoras erguem-se meio corpo e sentão-se logo. Nolasco vae abraçar Adolpho, que aperta-lhe a mão com effusão.*

FAUSTO

(Grande commoção! o homem entrou na ante-penultima phase das paixões amorosas. E' este um quarto de lua muito perigoso. Queira Deus não venha por ali alguma tempestade.—Na primeira phase tridallo os olhos. Na

segunda começa certos apertos de mão bastante significativos. Na terceira, discute-se o coração humano: cita-se Victor Hugo: teu amor e uma cabana. Na quarta, os lábios se encontram em sonoros estalidos. Este período sofre suas subdivisões: a princípio os beijos levão rubor na raiz; por ultimo — seguem uma escala sempre crescente na razão directa do calor latente dos dois namorados. Na quinta, secção de syndicancia: a menina tem dote? Sexta: consequencia necessaria: resposta pela affirmativa: o pedido. Septima: vóa-se ás regiões ethereas da poesia e cahe-se de repente no prosaísimo o mais requintado: decanta-se a nuvensinha que doira as franjas do porvir e acaba-se fazendo o rol do enxoval. Oitava, o ciúme. Nona: casamento. Decima: este ultimo quarto de lua chama-se com uma atroz ironia a lua de mel. Eu a chamarei antes a lua da meia lua.)

NOLASCO

Como vae, meo amigo? olhe que a pequena esteve toda a noite á janella, esperando-o.

ADOLPHO, *com intenção*

Esperando por mim? Não mereço tanto....

CARLOTA

O que terá elle, meo Deus?!

BARÃO, *a Fausto*

(Não acha o noivo muito triste? O que será!)

FAUSTO

(Mudança de lua: temos borrasca.)

BARÃO

Não compreendo.

CARLOTA

(Que frieza! Oh, esta duvida dilacera-me o coração!)

ADOLPHO

(Tanta gente!... O que farei? nem eu sei.)

### SCENA III

#### OS MESMOS E GENOVEVA

GENOVEVA

O chá está na meza.

FAUSTO

(Santas palavras!)

LUIZ

Vamos tomar chá.

ADOLPHO

(Felizmente!)

CECILIA

Meo tio, dê-nos o exemplo.

NOLASCO

Vamos a isso: tenho uma fome desesperada: estou capaz de engolir um vitello.

ADOLPHO

Senhor Pedro Nolasco, preciso da sua presença por alguns instantes.



NOLASCO

Heim? (O rapaz está serio,—é preciso ouvi-lo. Quer talvez abreviar o casorio; não pôde esperar, o maganão!)

CECILIA.

D. Candida.... Sr. Fausto.... Sr. Jesuino.... Sr. André....

ANDRE

Perdão, minha senhora, eu estava distraído.

FAUSTO, *com simulada seriedade*

O homem de talento está sempre assim. *Levantão-se com toda a naturalidade.*

D. CANDIDA

Vamos, Sr. Alcibiades. *Sahe com elle de braço.*

BARÃO, *a Hermelinda*

O seu braço, minha senhora.

HERMELINDA

Pois não, Sr. Barão. (E' velho, porém faz-me baroneza.)  
*Sahem.*

FAUSTO, *que a ouvio*

De Paquetá.

ANASTACIO, *sahindo*

(O Barão está pelo beigo.)

DOCTOR

Minha senhora..... *Offerce-lhe o braço.*

CECILIA

Arceito, Doutor.

ADOLPHO, a Cecília, que sahia, e a Luiz, que está junto d'ella

Um momento.

CECILIA, ao Doutor

Bem vê...

DOCTOR

Sou razoavel, minha senhora.

LUIZ

Entrem, — nada de ceremonias. Sr. Fausto, transmitto-lhe os meus direitos.

FAUSTO

Accito-os... (Na cabeceira é que está o pãq-de-lot.) Meus senhores... *André e Jesuino sahem.* (Houve mudança de lua. Olá!) (*Genoveva sahe por ultimo: Fausto olha-a estasiado.*)

*Pero toda naturalidade nas tres scenas passadas, e sentimento e força, sem exageração, nas seguintes.*

## Scena IV

NOLASCO, LUIZ, CECILIA, CARLOTA E ADOLPHO

CAREOTA

Adolpho!

ADOLPHO

Perdão. Pedi alguns momentos de attenção, vou explicar-me.

NOLASCO

E elle não o escutamos.

ADOLPHO

E' a Sra. D. Carlota que vou dirigir-me, porque — para mim — só ella é criminosa; diante d'ella serão talvez os senhores os culpados.

LUIZ e CECILIA

Nós?!

ADOLPHO

Sim, os senhores. E' pois tão sómente a ella que me dirijo. Aqui tem, minha senhora: leia esta carta. *Dá-lh'a.*

CARLOTA

Uma carta sem assignatural! Eu trêmo. *Lê.* O que leio, meu Deus?! *Acaba. Treme e offega, e depois de alguns momentos, em que a voz lhe falta, diz com explosão:* E' mentira! *Amarrota a carta entre os mãos, olhando Adolpho, que a fixa tambem.* E' mentira.

NOLASCO

O que è?

LUIZ

O que contem essa carta?

CECILIA

O que será?!

ADOLPHO, dando a Nolasco a carta, que tirou das mãos de Carlota

Leião.

CARLOTA, enquanto Nolasco, Luiz e Cecilia vêem a carta

E' mentira. Eu não sou culpada, Adolpho, eu não sou culpada.

NOLASCO, *serio e grave*

O senhor pôde asseverar que o conteúdo d'essa carta não é uma calúnia infame?

ADOLPHO

Assevero. Informei-me antes de dar similhante passo, e bastante informado soube que, há cerca de oito dias, foi visto um homem sahindo d'esta casa a deshoras.

CARLOTA

E' mentira.

NOLASCO, *com intenção*

E o informante será tambem o anouymo?

ADOLPHO

Não, senhor: não é um individuo, é uma familia inteira que me merece muita consideração, e que está prompta a confirma-lo aqui, em presença d'esta senhora e de todos.

CARLOTA

Não poderá fazê-lo, porque não é verdade: eu a desafio a qué faça.

ADOLPHO

Essa justificação só valeria para a senhora,—para mim está tudo acabado: a duvida, em materia de honra, é a verdade.

LUIZ e CECILIA

Senhor...

NOLASCO

Silencio. O que mais querião? não foi no meio d'aqu...

sociedade hypcrita, perversa e miseravel, que educaram esta menina? Quem são aqui os culpados?

ADOLPHO

Eu tambem sou culpado. Fui um doido, um misero doido, julgando que se poderia unir um homem pobre e honesto a uma mulher rica e . . . pura. Insensato, que fui!

CARLOTA, *depois de um breve silencio, enquanto enxuga as lagrymas e soluça*

Adolpho, talvez um dia eu te perdôe estas lagrymas, porém nunca te perdoarei essas malditas palavras, que penetraram aqui dentro, entre as fibras do meu coração, frias, geladas, como a lamina de um punhal.

ADOLPHO

Lagrymas de crocodilo!

CARLOLA

Oh! não insultes a minha dôr, Adolpho!

ADOLPHO

Mas foi uma tyrannia sem nome na linguagem humana! levar-me ebrio, tresloucado de amor ás portas do céu, verter-me n'alma uma a uma as suas doçuras, e atirar-me de repente nos abysmos do inferno. Oh! não merece piedade quem tão cruelmente inventou este martyrio.

CARLOTA

Eu estou innocente, Adolpho.

ADOLPHO

A senhora procedeu como uma insensata: desprezou o

amor puro de um homem, que a amava com todas as cordas do seu coração, para preferir a afeição calculada de outro, que lhe deu o descredito e talvez a deshonra. Crianca! rejeitou o diamante arrancado das visceras da natureza virgem, aceitando em troca o vidro tirado das combinações d'alchimia. Louquinha! Mas... porque motivo hei de accusa-la? porque motivo logico a senhora devia comprehender-me? As andorinhas e as aves agoureciras tambem vivem debaixo da mesma cimalha, e no entanto nem se entendem nem se comprehendem.

CARLOTA

Eu estou innocente, Adolpho.

ADOLPHO

Mais ainda assim, porque mentio-me esta mulher tanto amor? porque não me disse logo: eu nada tenho aqui dentro, eu não sei sentir: o meu amor é semelhante a caracteres traçados nas arcias do mar: vem a onda, tudo apaga.

CARLOTA

Eu estou innocente, Adolpho. Acredita-me, por Deos!

ADOLPHO

Como se poderá justificar?

CARLOTA, *com expressão de dôr*

Ay! e eu não posso justificar-me! *Cerrando os dentes: com desespero.* Oh! Onde está então este Deos, que nos assiste? Ser! elle tambem uma mentira?! Se é a verdade, onde a sua justiça que não se revela neste doloroso momento?

Onde está ella que não vem em auxilio da innocencia calumniada? Roja-te por terra, phantasma de todos os tempos: tu não existes!

ADOLPHO

Não blaspheme, senhora. Justifique-se: é tudo o que tem a fazer.

CARLOTA, *bravia*

Não posso... não posso...

ADOLPHO

Não póde justificar-se, não é assim?

CARLOTA, *bravia*

Não posso, porque eu de nada sei: é tudo mentira.

ADOLPHO

Mentira! Mentira, as suas palavras de amor! mentira, os seus olhares ternos! mentira, os seus osculos impuros! mentira, sim,— tudo era mentira!

CARLOTA, *altiva*

Basta. Accusou-me e agora desabafa-se, offendendo-me. Illude-se. Eu estou innocente, e os innocentes não temem. Humilhou-me diante dos meus parentes, e quer passar da humilhação ao ultraje, do ultraje ao escandalo?! Illude-se. Elles estão calados, porque me julgão culpada, e eu estou innocente.

ADOLPHO

Talvez. Acabarei. Para não dar publicidade a tamanha falta, resolvi — por seu respeito — pelo muito affecto, que

ainda lhe consagro, fazer uma pequena viagem a uma das provincias. E assim salvaremos as apparencias.

CARLOTA

As apparencias!

ADOLPHO

Com a minha partida lucraremos ambos: sómente minha pobre mãy soffrerá. Coragem! mais este sacrificio e tudo terá termo. O' minha mãy! pobre velhinha, para quem sei tudo nesta vida! como padecerias se podesses virar folha a folha o livro de minh'alma! Quando eu era criança, afugentavas vigilante os pequeninos insectos que pousavão sobre as minhas faces! mal adivinhavas tu que mais tarde uma hydra rasgaria em tiras o coração de teu desvelado filho.

CARLOTA, *mordendo os pulcos de raiva*

Oh!

ADOLPHO

Eu sei que não deveria invocar o santo nome de minha mãy junto da senhora, mas... o que quer? fatalidade: eu erigira a ambas um altar aqui dentro. O amor esviscerado do filho fundio-se com o amor do amante. Eu vivia para ambas, e pelas duas daria minha vida na terra e a eternidade no céo. A senhora e essa pobre velha compõem toda a historia da minha vida, que se resume em duas epochas bem distintas: ella fez-me palpar o coração: a senhora



fel-o palpitar de mais, e elle estalou. Uma deu-me a vida ;  
a outra, a morte.

CARLOTA, *idem*

Oh !

ADOLPHO

Mas... vaga estrondosa nos areiaes da vida, passou como  
passão as ondas. Já vae longe. Eu continuo.

CARLOTA

Adolpho, tem pena do meu magoado coração.

ADOLPHO

Eu não me queixo da senhora : nasci de uma lagrima :  
cumpra-se o meu destino.

CARLOTA

Adolpho, olha bem para mim : meu semblante é calmo :  
eu não possa estar criminosa.

ADOLPHO

Seu rosto é bello. Ha creaturas assim : anjo e demonio :  
extremos, que se tocam. As mulheres são as vezes como  
as maçãs do Mar Morto : a cutis é purpurina e bella : dentro  
é que se esconde o fel.

CARLOTA

Adolpho, tu accusas uma innocente.

ADOLPHO

Debalde procura illudir-me. Eu vou concluir.  
Sendo tão melindrosa a questão, e de tanta gravidade

que eu não possa admittir observação alguma, e sendo mais a minha presença aqui penosa e ridicula, peço permissão para retirar-me. *A Carlota, com voz tremula.* Perdão! perdõe-me se a dôr fallou por vezes mais alto do que devia, mas eu soffro tanto, tanto!

CARLOTA, *convulsa*

Não! não! o senhor não sahirá d'aqui sem que seja cabalmente provada a minha innocencia.

ADOLPHO

E' que eu não posso demorar-me por mais tempo hasta de agonia.

CARLOTA

A sua presença é-me agora tambem penosa, mas assim é preciso.

ADOLPHO

Se me dão licença passarei á sala contigua: lá esperarei o que para mim será inutil.

CARLOTA

Porém não o será para mim. A sua mão, senhor: bem vê que eu não tremo.

ADOLPHO

(Fria como gelo!) Com licença. *Vae-se.*

## Scena V.

OS MESMOS, menos ADOLPHO

NOLASCO

(Desgraçada!)

CECILIA

Minha irmã?...

LUIZ

Carlötinha?...

CARLOTA

*E' uma calúnia! Cahe n'uma cadeira, com o rosto entre as mãos, soluçando.*

NOLASCO

Querem tomar-lhe contas? podem por ventura fazel-o? não foi no meio da hypocrisia, da lisonja, da vaidade, das paixões criminosas e ridiculas, e até da prostituição, que a educaram? Onde ha ali, entre toda aquella gente, uma alma pura, um caracter são e honesto? E são elles que escarnecem da educação tímida das meninas da roça! *Com expressão.* Têm razão! falta-lhes tudo, tudo, menos o pudor e a honra. Esta menina é culpada, porém os senhores ainda mais, e eu tambem sou cúmplice por contribuir com o meu suor, com o dinheiro do meu trabalho e das minhas economias, para a alimentação de tamanhos vícios. Nem mais uma palavra. Retirem-se,— quero ficar só com ella. *Luiz e Cecilia sahem.*

## Scena VI

NOLASCO E CARLOTA

*NOLASCO, tomando-lhe a cabeça entre as mãos*

Carlötinha, minha filha, tu vâs confessar-me tudo; não é assim?

CARLOTA

O que heide confessar, meu Deus? ! eu não sei... eu não sei...

NOLASCO, *aspero*

Carlota !

CARLOTA, *com ternura*

Pois o senhor também, meu padrinho ?

NOLASCO, *acalmado-se*

Não... não... Porém confessa-me tudo, minha filha.

CARLOTA

Eu estou innocente : é tudo o que posso dizer.

NOLASCO

Mas qual é o fundo de verdade de tudo isto ? Não se póde inventar uma mentira, que acarreta consigo tantas consequencias funestas !

CARLOTA

Eu estou horrorizada diante de tanta maldade.

NOLASCO

Escuta, minha filha : se erraste, confessa,—todos nós estamos sujeitos ao erro. O nosso pobre coração é as vezes victima das paixões, que o agitação. Se, por exemplo, tu, arrastada por um affecto imprudente, te deixaste enganar...

CARLOTA

Como quer mais que eu diga que é uma calúnia sem fundamento, tramada miseravelmente contra mim? Porque me falla ainda de erro, de crime, se eu não errei, se eu não sou criminosa?!

NOLASCO, *depois de pequena pausa; com expressão de sentimento*

Está perdida!

## Scena VII

OS MESMOS, LUIZ E CECILIA

LUIZ

(Perdida!)

NOLASCO

Venhão, e contemplem a sua obra,

CECILIA

Minha irmã, reflecte bem,—dize alguma cousa em teu favor; essa teima é que faz com que todos te creiam criminosa. Eu sei de todos os teus segredos, tu m'os confiavas todos, e nunca me fallaste em semelhante cousa: confia-me tambem este. Talvez estejas innocente, acredito mesmo que o estás, porém falla, dize alguma cousa que possa provar a tua innocencia; confessa o que ha de real e de verdadeiro em todo isto?

CARLOTA

Mas, meu Deus, o que mais querem que eu diga? o que mais em meu favor, se eu de nada sei? Machinaram uma intriga infernal contra mim: que culpa tenho eu?!

LUIZ

Foi visto um individuo sahindo de casa a deshoras.

CARLOTA, *de chofre, com afflicção.*

E' mentira.

LUIZ

As pessoas que viram, dice o Sr. Adolpho Soares que merecem todo o credito e confiança.

CARLOTA

Perderam tudo, porque mentiram contra uma creatura que não é capaz de semelhante falta.

NOLASCO

E' inutil teimar; mais tarde talvez confesse,—por agora será baldado. Podem mandar embora esse moço, que ahi está.

## Scena VIII

OS MESMOS E ADOLPHO

ADOLPHO

Tudo ouvi: eu me retiro. *Toma o chapéo.*

CARLOTA

Adolpho, eu estou innocente.

ADOLPHO

Eu quizera acreditar-o, mas não posso.

CARLOTA

Eu te juro.

ADOLPHO

O que valem as suas juras?!

CARLOTA

Eu estou innocente, Adolpho.

ADOLPHO

É preciso que me tenha illudido muito para que assim não seja.

CARLOTA

Não me creias indigna do teu amor, não me odeies: eu estou innocente.

ADOLPHO

O céo sabe quanto a estimo ainda e se desejo ligar credito ás suas palavras; infelizmente, porém, todos os indícios são contra a senhora. Prove que está innocente, que tudo isto é uma falsidade, e talvez um dia possamos ainda ser felizes. Felizes?! não. *Aponta para o coração.* Aqui

dentro estalou uma corda, como se fôra o som de um gemido. D'ahi,—quem sabe? só Deus lê no grande livro do futuro: justifique-se e talvez... talvez ainda possamos ser muito felizes.

CARLOTA, *com alegria*

Sim, Adolpho, eu me justificarei... eu me justificarei...  
*Torcendo-se de raiva.* Oh! mas eu não posso... eu não posso...

ADOLPHO

Falle... falle: diga-me que circumstancia levou-a a semelhante extremo? quem é o individuo que foi visto sahindo de casa? que natureza de relações tem com elle?

CARLOTA, *com sentimento*

Eu não sei.

ADOLPHO

Falle, — por Deus, falle.

CARLOTA

Eu não sei.

ADOLPHO

Falle, falle.

CARLOTA

Eu não sei.



ADOLPHO

A senhora não diz, e empallidece! *Com transição.*  
Carlota, por tudo o que ha de mais santo, pelo nosso amor,  
responde-me: o que veio fazer o individuo que viram sa-  
hindo daqui?

CARLOTA

Eu não sei.

ADOLPHO, *com ternura*

Carlota!

CARLOTA

Eu não sei.

ADOLPHO, *com mais doçura*

Carlota!...

CARLOTA

Eu não sei. Adolpho, eu não posso dar-te outra resposta,  
porque eu não sei, — eu não sei.

ADOLPHO, *depois de breve pausa*

Sr. Pedro Nolasco; Sr. Luiz do Amaral; Sra. D. Ceci-  
lia; posso retirar-me para sempre com consciencia de ter  
procedido como um homem de bem?

NOLASCO, *firme e grave*

Póde.

CECILIA

Uma palavra.

LUIZ

Sim, uma ultima palavra. Não será imprudencia indagar  
do nome da familia que presenciou o facto?

ADOLPHO

Não, por certo: foi a família do conselheiro Azevedo, que voltava do Club.

LUIZ

Bem.

ADOLPHO

Eu me justificarei ante a opinião publica e minha pobre mãe, que é toda minha família. *A Carlota.* Antes, porém, de sair, para nunca mais voltar, consinta que lhe faça entrega deste papel: era uma renuncia que eu fazia do seu dote, no dia da nossa união, em favor das viúvas e filhos dos nossos bravos concidadãos que perecessem no campo da honra, defendendo a nossa bandeira contra a rebeldia de um povo selvagem, batendo a tyrannia do seu chefe. Aqui tem, — perdoe-me este arroubo extremo de orgulho: a intenção era boa.

CARLOTA

Ah!

NOLASCO

(Que desinteresse!)

ADOLPHO

A senhora nada tem para restituir-me?

CARLOTA

Nada.

ADOLPHO

Perdão. Tem um anel singelo, sem valor, porém que symbolisa douts corações, que se amaram.

CARLOTA

Restituir-te o anel, que me deste? este anel?! não, isso não! Sobre elle tu me fizeste juramentos sagrados, — é elle a unica lembrança, o unico élo que hoje nos une. Restituir-te este anel?! Como, meu Deus, se elle é a historia do meu primeiro e unico amor! como, meu Deus, se elle lembra os teus juramentos e as minhas esperanças, — as tuas lagrimas e as minhas! Bem vês, Adolpho, que não posso restituir-l'o; se eu estivesse criminosa, se eu fosse culpada de crime de que me accusão, eu já l'o haveria restituído.

ADOLPHO

Meus senhores...

CARLOTA

Adeus?

ADOLPHO

Adeus.

CARLOTA

Para sempre?

ADOLPHO

Para sempre. Adeus.

CARLOTA, *vendo-o sair*

Não vás... não vás... Adolpho, é tudo mentira... não vás...

ADOLPHO

Adeus.

CARLOTA

Não... não... não vás... *Vai para detel-o, vacilla e cabe na soleira da porta. Ah!*

### Scena Ultima

OS MESMOS, FAUSTO, DOUTOR, BARÃO, JESUINO ALVES, ANDRÉ, ALCIBIADES, ANASTACIO, HERMELINDA E D. CANDIDA.

FAUSTO

O que aconteceu?

DOUTOR

O que ha?

HERMELINDA

Que grito foi este?

OS DEMAIS

O que é?

CARLOTA, *depois de breve pausa, levantando-se*

Porque se calão?! que significa este silencio?! Eu não temo; vou tudo contar, porque estou innocente. Saibão todos que fui vilmente calumniada, — que uma mentira infamante foi tramada contra mim.

TODOS

Oh!

ADOLPHO, *a meia voz*

(Minha senhora, observo-lhe que publica a sua falta.)

CARLOTA, *com força e dignidade*

A minha falta?! Mas se eu estou innocente! Ao mais vil criminoso attende-se quando elle diz que está innocente, e ninguem me ouve quando juro que não sou culpada! Não de acreditar-me; eu não diria que não sou criminosa se assim não fôra. Em nome de Deus, acreditem-me. *Pausa.* Mas por que me olhão assim?! por que essas visagens de compaixão?! Também não me acreditão, não é verdade? Realmente...! *Olha-os todos com um leve sorriso de ironia no canto dos labios.* Que m'importa o juizo d'esta gente?!

FAUSTO

Estamos longo de acreditar-o; eu, pelo menos, não penetrei ainda no amago da questão. (Indaguemos.)

DOCTOR

Não se afflija, minha senhora; esta exaltação pôde determinar uma grave affecção...

CARLOTA, *interrompendo-o*

Não sabem? vão sabel-o. Foi visto um homem sabindo desta casa a deshoras.

FAUSTO

(Que diz ella!?)

CARLOTA, *na mesma exaltação*

Sou accusada de um crime, que não commetti. Eu juro por Deus.

FAUSTO

Eu tambem juro.

TODOS

Como!

FAUSTO

Saihão todos a verdade, e suspendão qualquer máo juizo que por ventura tenham feito d'esta senhora, e envergonhem-se d'elle. As pessoas honestas e sensatas, acreditem-me, e respeitem a pureza onde ha pureza; as malignas... essas, qu'importa! conserve a senhora intacta a sua honra, tranquilla a sua consciencia, e deixe ás aspides o seu veneno. Esta senhora está innocente, eu o juro! de-  
baixo de minha palavra de honra.

ADOLPHO

Não é possível! e o homem...?

CARLOTA, *sacudindo Fausto; com alegria.*

Falle... falle... falle... o senhor sabe de tudo, por certo...  
falle... falle...

FAUSTO

Não posso.

CARLOTA

Falle... salve-me, senhor... salve uma infeliz.

ADOLPHO

Salve-a... salve-a...

NOLASCO, CECILIA E LUIZ

Salve-a...

FAUSTO

Não posso, — é o meu descredito, que vou proferir ; é o meu corpo de delicto nas casas de familia, que me honrão com a sua estima.

CECILIA, *supplicante*

Ah, senhor...

ADOLPHO

Salve-a, senhor, — e dê-me com essa salvação a felicidade, a vida, tudo, tudo.

FAUSTO

Dei a minha palavra de honra, o que mais querem ainda? Tenho sido doido, muito doido, mas quando eu der minha palavra de honra, exijo que me acreditem.

CARLOTA, *atirando-se de joelhos*

E' de joelhos que eu lhe peço ; pela memoria de sua mãy, diga toda a verdade.

FAUSTO

Pela memoria de minha mãy!? *Breve pausa.* Ah! tocou no unico ponto do meu coração, que não está contaminado pela corrupção e pelo vicio.

CARLOTA E ADOLPHO

Piedade !

FAUSTO

Tudo direi, já que invoço a santa memoria de minha mãy : quem sahio d'esta casa fóra de horas... fui eu.

TODOS

Elle!

CARLOTA, *convulsa; sacudindo-o*

Falle... falle...

NOLASCO E CECILIA

O que veio fazer?

LUIZ

Sim... o que veio fazer?

FAUSTO

Que vergonha!

CARLOTA

Falle... falle...

FAUSTO

Ha em casa uma escrava alugada... Perdão, está dito tudo: o mais seria prolongar um aviltamento, que não mereço tendo-me prestado voluntariamente a esta confissão.

CARLOTA, *com um grito*

Ah! estou salva... estou salva...

ADOLPHO, *abraçando-a*

Carlota!

CARLOTA

Adolpho! *Cançada de alegria.* Estou salva... estou salva...

NOLASCO, *abraçando-a*

Minha filha! Não elles que me faziam acreditar-te culpada: eu nunca duvidei dos teus sentimentos.



CARLOTA

Meu bom padrinho!

LUIZ E CECILIA

Minha irmã!

CARLOTA, abraçando-os

Oh! que horrível sonho!

ADOLPHO

Sim, foi um sonho, — passou como passão os sonhos. *Apresentando-a pela mão.* Meus senhores, ella está pura: a maledicencia e a suspeita nem de leve roçaram a sua capella de virgem. No meio de tamanhas trevas, de tantas magôas, Deos operou um milagre em favor do meu pobre coração. A pomba immaculada, ferida em seu vôo, cruza o espaço mais pura do que o puro chrystal, que a vara de Moysés arrancou da rocha do deserto. Carlotinha, duvidaste do pôder d'esse Deos, cujo nome não invocaste em balde. Unamo-nos ambos: tu tens de pedir-lhe perdão, — eu, de agradecer-lhe a dadiua que me fez.

AO MESMO TEMPO.

ADOLPHO, erguendo os olhos para o céu

Eu t'o agradeço, ó Deos! a ti, que, pela tua omnipotencia, és na vida a harmonia; na morte, a perfectibilidade da vida; além da vida e da morte, a justiça. Eu t'o agradeço, ó Deos!

CARLOTA, atirando-se de joelhos, com as mãos juntas erguidas para o céu

Perdão, Senhor! eu creio em ti. És tu quem dá vida

aos corações! sensação ao corpo! forma aos seres! és tu, emfim, a harmonia dos elementos! a alma da matéria! Eu creio em ti, Senhor!

NOLASCO

A's mil maravilhas. E agora que, graças a Deos, está conhecida a verdade, vou contar-lhes uma historia, que ouvi de uma preta velha, que me deu de mamar.

TODOS

Ouçamos a historia. *Prepara-se em circulo para ouvi-la.*

BARÃO

Eu não gosto de historias; fazem-me o effeito de um magnifico soporifero: durmo sempre no meio das narrações.

NOLASCO

Havia um dia...

FAUSTO

Não: era uma vez...

NOLASCO

Era uma vez um marido e uma mulher; este marido e esta mulher não tinham bens, e como quizessem fazer-se de grandes, de fidalgos, crearam dividas, que não podiam pagar.

FAUSTO, *aos convidados*

Aquillo é com os sobrinhos.

TODOS

Ustá claro como agua.

NOLASCO

A mulher amava o marido, mas o marido só gostava do jogo; ella, a doidinha, conhecendo que elle perdêra todo o affecto que sentia por ella, accellou a côrte do primeiro pelintraço, que lhe appareceu.

FAUSTO

Aquillo é com o Dr. Alberto.

TODOS

(Está claro como a agua.) *O Dr. sahe precipitado.*

CECILIA

Meo tio!

LUIZ

O que me diz a isto, senhora?

NOLASCO

Não se arrufem,—os dois salvaram-se a tempo: o marido reconheceo que estava prestes a fazer uma figura de parvo; e a mulher não está de todo criminosa, porque—além de umas beijócas—nada mais houve.

CECILIA

Meo tio!

LUIZ

Está ouvindo?

FAUSTO

(O exordio é um pouco adstringente.)

NOLASCO

Nada de brigas. Um tio foi o anjo salvador.

aos corações! sensação ao corpo! forma aos seres! és tu,  
enfim, a harmonia dos elementos! a alma da materia!  
Eu creio em ti, Senhor!

NOLASCO

A's mil maravilhas. E agora que, graças a Deos, está conhecida a verdade, vou contar-lhes uma historia, que ouvi de uma preta velha, que me deu de mamar.

TODOS

Ouçamos a historia. *Preparão-se em círculo para ouvi-la.*

BARÃO

Eu não gosto de historias; fazem-me o effeito de um magrífico soporifero: durmo sempre no meio das narrações.

NOLASCO

- Havia um dia . . .

FAUSTO

Não: era uma vez . . .

NOLASCO

Era uma vez um marido e uma mulher; este marido e esta mulher não tinham bens, e como quizessem fazer-se de grandes, de fidalgos, crearem dividas, que não podião pagar.

FAUSTO, *aos convidados*

Aquillo é com os sobrinhos.

TODOS

Está claro como agua.

FAUSTO

Anjo papudo

NOLASCO

Cala-te, creatura comprometedora de filhas-familias.

TODOS

Ah! ah! ah!

FAUSTO

(Chegaria a minha vez?!)

NOLASCO

Um tio salvou-os. Tendo vindo expressamente da terra para assistir ao casamento da afilhada, ficou maravilhado de tudo o que se passára, magnificamente informado por um linguarude, que tomou-o pelo hortelão da casa. É este maldito costume da gente da cidade de julgar dos sentimentos do individuo pelas roupas!

FAUSTO

(Aquillo é comigo.)

TODOS

(Está clarissimo como leite.)

NOLASCO

O tio em questão,—sim, o tio em questão...

FAUSTO

(Estylo do Mal das Vinhas!)

NOLASCO

.... procurou levá-os ao bom caminho, e des;

inutilmente os seus conselhos. O que pensão que elle fez? ameaçou desherdal-os, casando-se com a primeira bruxa, que encontrasse.

FAUSTO

Pena do Conde de Lippel

NOLASCO

Paremos aqui,—o futuro ensinará ao tio o que fará a respeito. Bem. Travemos conhecimento com outros personagens para complicar a acção da historia, e tornal-a mais interessante.

TODOS

(Mão l)

NOLASCO

Senhor Anastacio da Silveira, uma palavra,—dá-m'a? Sua filha ainda cöse para fóra?

FAUSTO

Eu acho que olla cöse para dentro. *Anastacio e Hermelinda sahem precipitados.*

NOLASCO

Sr. Barão do Paquetá...

BARÃO

Com licença... *Sahe tambem precipitado.*

D. CANDIDA, a *Alcibiades.*

Vamo-nos embora, vamos.

NOLASCO

Deixão-nos tão cedo? não assistem ao fogo de vistas?

D. CANDIDA

Estou indisposta. Vamo-nos, Sr. Alcibiades. Saem precipitados.

NOLASCO

Sr. André da Fonseca, os seus versos....

ANDRÉ

Com licença. Vai-se.

NOLASCO

Senhor Jesuino Alves, os seus dramas...

JESUINO, a André, que sahe

Espera, collega, eu tambem vou. Sentariado, Sr. Nolasco. Vai-se rapido.

NOLASCO

O resto fica para depois. E entrou por uma porta, sahio por outra, Deos Nosso Senhor que nos conte outra.

CARLOTA

As suas palavras forão magicas, fêl-os fugir todos.

NOLASCO, dogmatico

A verdade foi sempre assim. Ay de nos e mundo social se lhe pudessemos dizer em face todas as verdades! Pobre sociedade brasileira! Tão louçã, e tão cheia de miserias! Seu prisma é bello, tem facetas de mil côres, que brillão e rebrillão; entremos nella, anatemizemos um a um os seus membros: o que veremos? A riqueza com o pé sobre o genho, deixando-lhe estampado na frente a ferradura da bota. A astucia esmagando a força e reduzindo-a a im-

potencia. Os vícios sobrepujando as virtudes. A hypocrisia incensada. A modestia escrava do orgulho e da vaidade. Os derrotados triumphantes. Em summa, o ladrão condecorado! o assassino applaudido! E para cumulo de desgraça, os homens da liberdade, gritadores das praças publicas, comprão e vendem escravos, mentindo ás suas theorias com uma pratica vergonhosa. Mas... onde se meteu o nosso Faustino Solouque?

FAUSTO, *ao fundo*

Presente.

NOLASCO

O que fazes ahí com o chapéo na mão?

FAUSTO

Estou á espera da minha deixa para ir-me embora.

NOLASCO

Chega-te. Nomeio-te rei do Congo. A razão tu bem a sabes. Mas... vem cá, meu libertino. Tu és doido, linguarudo, porém provaste que tens um coração bem formado. Vai-te tambem, — dá-me porém, antes de sahir, um abraço e um aperto de mão.

FAUSTO, *no abraço*

(Empresta-me duzentos mil réis?)

NOLASCO

(Sim, sim, — amanhã.)

FAUSTO

(Ficão sózinhos : o que não dirão de mim !)



Se quizeres ser importuno, apparece amanhã para filar-nos os biscoitos do chá. Entendes? Olha... *Esfrega o dedo indicador sobre o pollegar para exprimir—dinheiro.* Entendes?

FAUSTO

Perfeitamente. Até amanhã. *Comprimenta e vai-se.*

NOLASCO

E nós, meus filhos, nós vamos para a Fazenda. E' na roça, no seio da natureza virgem, que se goza a doce calma do céu, que symbolisa a verdadeira felicidade da familia.

FIM.